

# A Nação incha, o mercado encolhe

cad. economia, p 2

19  
NOV 1991

ESTADO DE SÃO PAULO

JORGE HAMUCHE



O País convive com uma das mais graves crises de sua História. Não que o Brasil, em seu passado de quase 500 anos, tenha sido um mar de rosas. Ao contrário... Mas o momento é, sem dúvida, delicado, se compararmos o vulto da economia de hoje com a do tempo de colônia ou da incipiente República (até porque as carroças eram carroças mesmo).

Deixando de lado a retórica de botequim ou a ladainha dos críticos contumazes, resta uma certeza unânime: a onda de descrédito e desesperança já cobre o dia-a-dia, da dona de casa ao executivo mais soft. Os discursos não saem do papel. E as mudanças não ocorrem.

A Nação incha e o mercado interno encolhe — coerência

perversa que arrepia.

Faça, leitor, o teste de qualidade de vida, por comparação: pegue uma foto qualquer de gente na rua, impressa em jornais, revistas ou livros das décadas de 40 ou 50. Tome, aleatoriamente, fotos de hoje. Se quiser ser dramático, poste-se na fila de espera dos passageiros que chegam ao Terminal Rodoviário do Tietê, em São Paulo. Os rostos estão tristes, acima de tudo, tristes.

Onde está o povo risonho e franco, afável, receptivo, amigo? Não é questão de cor ou raça, mas de vestimenta, por exemplo. Ou de cara amarrada, com olhos embaçados.

Em seus artigos neste e em outros jornais diários, empresários e economistas mais parecem improvisados sociólogos, psicólogos e antropólogos. E este texto não foge à regra. Má distribuição de renda, mais corrupção, já a olho nu, mais imprevidência social e mais tanta pressão de impostos e taxas fazem com que a questão social seja manchete

constante.

Enquanto as reforma estruturais não vêm — e se elas não são coisa do outro mundo, seguramente não chegarão *ontem...* —, alinharam-se pleitos, sugestões e recomendações, muitos deles tirados do bolso do colete de assessores ou da cartola providencial.

Mas uma proposta que quebra a ortodoxia econômica e causa perplexidade aos adeptos do Nélson Rodrigues é a que propõe um choque de produção. Produzir, produzir e produzir. Sem opção e contra a aparente lógica. Ela tem servido para *merer* com a realidade brasileira, mesmo que se tenha ciência de que o mercado interno não reúne grande poder de resposta.

Mas é só insistir, porque, em qualquer lugar do mundo, produção baixa preço, que vende mais e que incorpora a população marginalizada ao consumo. Parece mágica: é preciso ganhar no varejo, beneficiar a produção, empregar mais e, assim, frear os preços.

Mas produzir com o que contamos, com as máquinas enferrujadas ou não.

Os japoneses, sempre eles, afirmam que a consciência de crise e liderança faz os países se esforçarem para chegarem à qualidade. Ora, *if Japan can, why can't we?*

Pois bem, a essa idéia de jogar com o time marcando em todo o campo, correndo atrás da bola, suando a camisa, junto a sugestão: ativar o ciclo da produção, não apenas na ponta da fábrica, mas também do outro lado, o do comércio. Tudo para baratear a reposição de estoques, ativando o ciclo produtivo, num processo do tipo bola de neve. Um alimenta o outro e vice-versa.

Por fim, o alerta: tudo isso não funciona se o elefante oficial não tirar a pata da economia. E se o déficit público persistir, mesmo que mascarado.

■ Jorge Hamuche, empresário, é presidente do Sindicato do Comércio Atacadista de Tecidos, Vestuários e Armarinhos de São Paulo.